

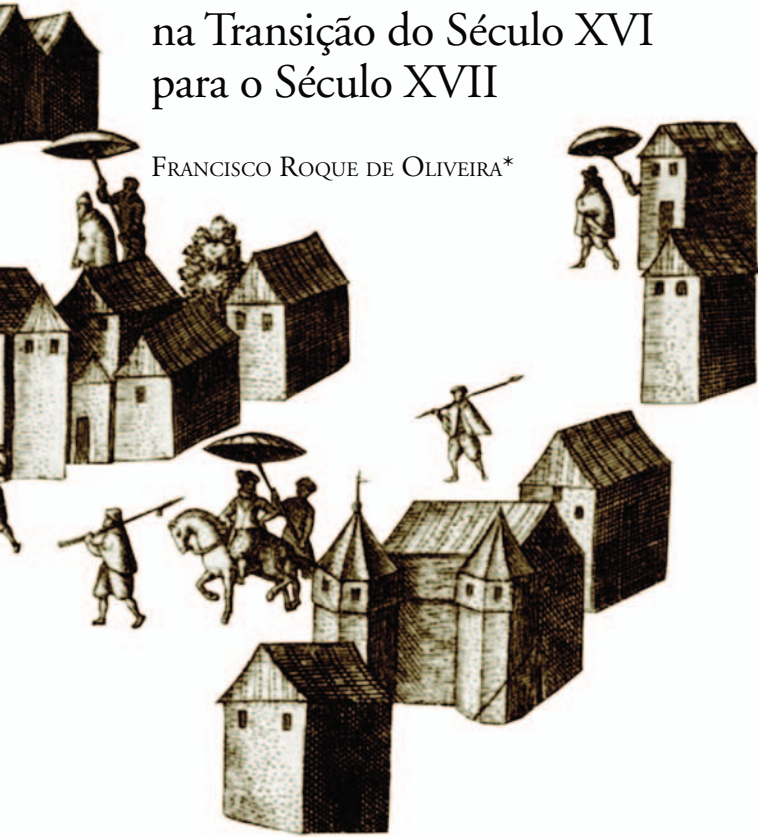


AMACAO.

Histórias Parciais e Geografia Sistemática

Relatos Europeus sobre o Mar do Sul da China na Transição do Século XVI para o Século XVII

FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA*



* Licenciado em Geografia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, obteve o doutoramento em Geografia Humana na Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha) com uma tese dedicada à construção do conhecimento histórico-geográfico europeu referente à China nos séculos XVI e XVII (Julho de 2003). É investigador integrado do Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e bolseiro de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com um projecto de pesquisa intitulado *Modernidade e tradição nas leituras geográficas sobre a China divulgadas na Europa entre c. 1580-1630. Usos e omissões do contributo da vanguarda experimental luso-jesuíta*. Publicou em revistas académicas de Portugal, Espanha e Brasil diversos estudos sobre história e teoria da geografia, geografia cultural, cartografia antiga e urbanismo colonial português.

Graduate of the Arts Faculty of Lisbon University, Ph.D. in Human Geography from Barcelona's Universitat Autònoma awarded in July 2003 with a thesis on the development of European historical and geographical understanding of China in the 16th and 17th centuries. Researcher at the Centre for Overseas History at Lisbon's Universidade Nova and recipient of a post-graduate scholarship awarded by the (Portuguese) Foundation for Science and Technology for a project entitled "Modernity and tradition in geographical readings of China published in Europe c. 1580-1630. Uses and omissions surrounding the contribution of the Portuguese-Jesuit experimental vanguard". He has published articles on the history and theory of geographic, cultural geography, ancient cartography and Portuguese colonial urban development.

UMA IMAGEM E MIL PALAVRAS

Em 1606, os impressores Johann Theodor e Johann Israel de Bry inseriram uma gravura representando uma vista de "Amacao" no volume VIII da edição alemã das suas *Petits Voyages*. Este título designava a série "oriental" da colectânea de relatos de viagem intitulada *Collectiones Peregrinationum in Indiam Oriental et Indiam Occidentalem*, a qual fora programada e lançada pelo pai de ambos, o famoso cartógrafo e editor flamengo Theodor de Bry (Frankfurt-am-Main, 25 vols., 1590-1634). Nascido no seio de uma família protestante de Liège, Theodor de Bry abandonara a sua pátria quando das perseguições movidas pelo duque de Alba e pelos católicos espanhóis, vindo a instalar-se por volta de 1570 nessa importante capital europeia do livro que era Frankfurt. A gravura de Macau a que nos referimos – e que foi a primeira gravura deste território a ser impressa – voltou a aparecer na versão latina das *Petits Voyages*, obra que saiu nessa mesma cidade alemã logo em 1607. Em qualquer destas duas edições, o desenho é acompanhado pela seguinte legenda: "Vê-se aqui a cidade de Macau, sita na China. Os holandeses quiseram visitá-la em paz. Tinham enviado aí os seus legados, mas depois disso nada tinham sabido deles. Então, enviaram o seu timoneiro com um esquife, mas nenhum [dos tripulantes] – havia uns 20 nele – regressou a informá-los da condição do lugar. Então, renunciaram a querer visitá-lo".

A novidade representada pela gravura e pela legenda sobre Macau editadas pelos irmãos De Bry confronta-nos, de imediato, com três realidades fundamentais. Desde logo, constitui um testemunho exemplar do início da chamada segunda expansão europeia, esse momento da passagem do século XVI para o século XVII em que britânicos, holandeses e zelandeses surgem a desafiar o domínio que os espanhóis e os portugueses vinham afirmando sobre tantas partes do globo desde o século XV. Lembrem-se as viagens de circum-navegação concluídas por Francis Drake (1577-1580) e Thomas Cavendish (1586-1588), explorando a rota da Ásia pelo Sudeste, assim como a fundação da *London East India Company*, em 1600, o ano em que o piloto inglês

"Amacao" (pormenor), Theodor de Bry, 1607.

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

William Adams ajudou a conduzir o primeiro navio holandês ao Japão. Para o caso mais específico da emergência do poderio comercial dos Países Baixos nos Mares da Ásia, recorde-se que Cornelis de Houtman largou à cabeça da primeira armada holandesa destinada à Insulíndia em 1595. Recorde-se também que a vitória naval alcançada sobre os portugueses ao largo de Bantão (Bantam), em 1601, abriu à recém-constituída *Vereenigde Oost-Indische Compagnie* (VOC ou Companhia Holandesa das Índias Orientais) o domínio do estreito de Sunda. Acto contínuo: em 1603, a primeira nau da China foi capturada por Jacob van Heemskerck no estreito de Singapura – a monumental *Santa Catarina*, navio de mil e quinhentas toneladas, cuja carga rendeu em hasta pública mais de três milhões de guinéus.

O curto texto que acompanha a gravura de Macau inserta nas *Petits Voyages* reporta-se a um acontecimento gémeo destes últimos: a passagem por Macau da esquadra do almirante Jacob van Neck, entre finais de Setembro e o início de Outubro de 1601. Servindo ainda a *Oude Compagnie* (Companhia Velha) de Amesterdão, uma das precursoras da VOC, com essa armada Van Neck realizava a sua segunda viagem ao Oriente. Trazia embarcados cerca de 700 homens e acabara de atacar as forças portuguesas estacionadas em Tidore, nas ilhas Molucas. Dirigia-se daí para Patane, na costa oriental da península Malaia, quando as duas naus e o patacho que comandava foram surpreendidos por um tufão à entrada do Mar do Sul da China e arrastados até diante do empório macaense. Como que a confirmar que o tempo das grandes



EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

descobertas ficara definitivamente para trás, não se detectam novidades entre os rumos cumpridos e os rumos projectados pelos neerlandeses uma vez dobrado do cabo da Boa Esperança: estreito de Sunda, Java, Molucas, norte de Bornéu, golfo do Sião... Alteravam-se, isso sim, os portos de origem e destino na Europa – Texel, Middelburg, Roterdão, Delft, Hoorn, Enkhuiseln, como Plymouth ou Londres no outro lado do Mar do Norte –, logo também a nação de quem investia nos novos navios enviados às especiarias e de quem os tripulava.

O segundo aspecto que nos vem ao espírito assim que se lê aquela discreta notícia facultada pelos De Bry em 1606 diz respeito à própria verdade do texto. Sabemos que, tendo tido conhecimento do sucedido em Tidore, assim que se avistaram no horizonte as velas

de Jacob van Neck, boa parte dos vizinhos de Macau correu a refugiar-se dentro da cerca do Colégio dos jesuítas da cidade, no cimo do monte de S. Paulo. Por sua parte, os holandeses mandaram, de facto, um esquife da nau capitânia a terra, o qual foi capturado pelos homens do capitão-mor D. Paulo de Portugal, que exercia o governo da colónia. A partir daqui, as versões desencontram-se sem apelo: enquanto as fontes holandesas pretendem que Van Neck desconhecia que terra fosse aquela e que apenas o procurava saber, do lado contrário sugere-se que buscava avaliar as possibilidades de repetir em Macau o ataque praticado nas Molucas poucas semanas antes. De qualquer modo, na manhã seguinte Van Neck enviou o patacho para averiguar o porquê da falta de notícias, o qual foi interceptado por quatro lorchas saídas do porto, que fizeram várias baixas entre os tripulantes e aprisionaram os restantes. Justificando-se com a impossibilidade de realizar o resgate das duas dezenas de cativos assinalados na mesma passagem das *Petits Voyages*, o almirante holandês abandonou-os à sua sorte. Por sua vez, as autoridades de Macau não tiveram contemplanções para com a esmagadora maioria deles, em parte talvez – ou talvez também – por temerem que a presença de estrangeiros lhes acarretasse problemas com as autoridades de Cantão. Acusados de pirataria, uns dezassete holandeses foram condenados à força e executados. Os três que terão sido poupados seguiram para Goa via Malaca, de onde um deles regressou à Holanda em 1604.

O essencial da versão holandesa sobre o episódio de Macau protagonizado por Jacob van Neck aparece no relato da sua segunda viagem às Índias Orientais (1600-1603). Redigido por um dos embarcados na nau capitânia, o capelão Roelof Roeloffsz, este relato foi publicado no mesmo volume VIII das *Petits Voyages* dos De Bry e reeditado na colecção holandesa de viagens devida a Isaac Commelin, a *Begin ende Voortgang, Van de Vereenighde Nederlantsche Geoctroyeerde Oost-Indische Compagnie* (Origem e Progresso da Companhia Reunida Neerlandesa Privilegiada das Índias Orientais, Amesterdão, 1645). Para a versão lusa dos mesmos eventos, temos a reconstrução concebida pelo cronista jesuíta Fernão



Partida da primeira expedição holandesa à Índia Oriental, in *Journal van de reyse der Hollandsche scheppen*, Middelburg, 1598.

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

Guerreiro no volume II das suas Relações anuais sobre a actividade dos padres da Companhia de Jesus no Oriente (Lisboa, 1605). Não era a primeira vez – e com certeza não seria a última – que uma disputa em torno da presença europeia no Mar do Sul da China suscitava versões desencontradas por parte de quem ficara encarregue de narrar ou de divulgar o sucedido. Os conhecidos contenciosos luso-espanhóis pelo lugar central de Macau que aconteceram em 1582, 1584 e 1598 tiveram implicações literárias até certa medida muito semelhantes àquelas que derivaram do recontro luso-holandês de 1601.

Por exemplo, quem folhear a *Historia de las Misiones* que o jesuíta espanhol Luis de Guzmán editou em Alcalá de Henares no ano de 1601 não encontra uma palavra que seja sobre o ousado exercício de diplomacia paralela que o também jesuíta espanhol Alonso Sánchez realizou em Macau em 1582. Ao mesmo tempo que anunciava aos macaenses a união das coroas de Portugal e Castela, Sánchez tentou então obter dos mandarins de Cantão condições de negócio para a colónia filipina equivalentes àquelas conseguidas pelos portugueses em Macau. A páginas tantas, esta crónica missionária detém-se longamente em vários dos assuntos associados à segunda passagem de Sánchez por Macau, em 1584. Aqui, Guzmán volta a omitir qualquer referência a certas instruções que este padre trazia das Filipinas e que visavam garantir a abertura de um entreposto comercial espanhol no Fujian e o trato directo entre Cantão e Manila.

Passemos a 1598, o ano em que uma delegação espanhola liderada por D. Juan Zamudio negociou em Cantão a cedência de um sítio nas proximidades de Macau, referido como Pinal ou Pinhal, conforme a língua ibérica das fontes da época. O capitão-mor da praça lusa reagiu de pronto, usando a força contra aquele representante do governador das Filipinas, tal como reagiram de imediato os principais interesses de Macau, pedindo aos chineses a competente ordem de expulsão. Ora, não poderiam ser mais díspares as resenhas deste novo desentendimento oferecidas pelo dominicano Fr. Gabriel de San Antonio na sua *Relación de los sucesos del Reyno de Camboxa* (Valladolid, 1604), uma, e pelo cronista goês Diogo do Couto na sua *Década XII da Ásia* (Paris, 1645), a outra. Enquanto a primeira, assinada por um íntimo das autoridades civis e religiosas de Manila, escamoteia os indícios mais crus

desse braço de ferro, a segunda confere todos os materiais de arquivo disponíveis em Goa e oferece a que seria a versão heróica da comunidade macaense.

Quem também escreveu sobre esses assuntos de 1598 foi Antonio de Morga, antigo *oidor* da *Audiencia de Manila*. Fê-lo já longe da colónia asiática onde servira, num livro que editou no México em 1609 e ao qual deu o título de *Sucesos de las Islas Filipinas*. Sobre o doutor Morga paira uma aura de homem escrupuloso, virtude fadada para chocar com o *modus vivendi* da maioria dos seus contemporâneos de Manila. Talvez seja por isso que transcreva os documentos espanhóis que provam quantos milhares de pesos D. Juan Zamudio desembolsou para corromper os chineses, junto a todos os pormenores acerca de como aconteceu a inamistosa reacção portuguesa às movimentações espanholas para a cedência de um porto alternativo a Macau e a abertura de uma feitoria em Cantão. É certo que hoje todos lhe estamos infinitamente gratos pelas qualidades raras de escritor honesto que demonstra. Porém, um leitor do início do século XVII que pudesse confrontar estas três versões sobre o efémero Pinhal não poderia deixar de se interrogar sobre a verdade dos factos: afinal, fariam elas do mesmo?

Voltando à gravura de Macau impressa pelos De Bry, olhemos a terceira e última questão que ela nos suscita. Em 1867, o conservador da Biblioteca da Universidade de Leiden, Pierre Antoine Tiele, editou em Amesterdão um trabalho de referência para a história da literatura da segunda expansão europeia, a *Mémoire Bibliographique sur les Journaux des Navigateurs Néerlandais*. Nesta obra, Tiele opina que, tal como outras gravuras inseridas na oitava parte das *Petits Voyages*, também a de “Amacao” devia ter resultado apenas da imaginação dos editores.

Na realidade, o desenho divulgado em 1606 oferece múltiplos motivos para que alguém possa ser tentado a concluir desta forma. Em síntese, trata-se de uma vista à *vol d’oiseau*, num plano deslocado 90° para Oeste, que toma de frente o Porto Interior e marca o istmo no canto inferior esquerdo. Os sintomas de fantasia começam a detectar-se no prolongamento que é feito do traçado do extremo Sudeste da península em direcção a esse mesmo ponto do horizonte, arbitrariedade que parece ter sido pensada para permitir um maior equilíbrio estético do conjunto. Depois, a gravura representa um número muito reduzido de edifícios em relação àqueles que sabemos terem existido.

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

Uma terceira incongruência decorre da generalidade destes edifícios estar sobredimensionada e exibir traços típicos da arquitectura das cidades do Norte da Europa. Como se não bastasse, o desenhador inventou uma estrutura exótica a Norte da Praia Grande, com a qual talvez quisesse sugerir um templo chinês. Mais: entre os diversos quadros humanos que preenchem a cena, destacam-se figuras de homens com trajés e perfis europeus atravessando as ruas protegidos por guarda-sóis empunhados por escravos ou serviçais. Tal mais não é que uma clara repetição dos modelos de muitas gravuras holandesas da época que representavam a vida dos portugueses na Índia.

Apesar de todos estes pormenores fantasiosos, um conhecimento mais fino das fontes iconográficas deste período faz-nos hoje supor que a vista de Macau impressa em Frankfurt em 1606 se baseie no mesmo protótipo português que serviu de base à planta homóloga desenhada por Pedro Barreto de Resende para ilustrar o *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades, e Povoações do Estado da Índia Oriental*. Este livro foi compilado em 1635 pelo cronista da Índia António Bocarro, em resposta a um pedido do rei Filipe III de Portugal. A intensa circulação de espécimes cartográficos portugueses nos Países Baixos que acontece a partir de finais do século XVI permite-nos deduzir as circunstâncias gerais que tornaram possível que o protótipo em causa chegasse às mãos dos De Bry muito antes da feitura do *Livro* de Bocarro. A gravura das *Petits Voyages* traduz uma evidente simplificação da planta que depois seria assinada por Resende, acrescida dos pormenores imaginários que enumerámos, assim como de variadíssimas distorções da verdade topográfica, por exemplo.

Sobre um fundo de verdade, outra vez o manto nada diáfano da fantasia. Os editores mantiveram-se fiéis à receita, tanto assim que a vista de Macau dos De Bry serviu de modelo à esmagadora maioria das gravuras holandesas, alemãs e inglesas que foram impressas durante o século XVII. Quer os editores, com os seus interesses e estratégias particulares, quer os leitores, com os seus gostos próprios, afirmavam-se como agentes activos na feitura das verdades dessa outra forma de texto que é a imagem. Por acaso alguém protestou quando, bem mais tarde, o editor da *New Universal Collection of Authentic and Entertaining Voyages and Travels* de Edward Cavendish Drake (Londres, 1770) decidiu inserir a imagem de

um casamento japonês entre as páginas que traziam o relato da conquista do México por Hernán Cortés? Questões de realismo e de coerência editorial à parte, a impressão daquela imagem de Macau ajudava a responder ao crescente interesse que o público demonstrava pela vida das cidades em geral. E a uma outra tendência fundamental que também apontava para o futuro: à sensibilidade entretanto desperta para as disciplinas do espaço acolhidas sob a generosa designação de geografia.

MESTRES DA PERSUASÃO

Acabamos de ver que, tal como para qualquer outro capítulo da história dos descobrimentos e da expansão da Europa na Idade Moderna, também a reconstituição dos encontros e desencontros entre europeus no Mar do Sul da China ocorridos na passagem do século XVI para o século XVII deve passar pelo confronto entre textos de distintas proveniências. Como avisaria o Senhor de La Palice, a história dos homens não é nunca a branco e preto. Estes exercícios de reconstituição das várias experiências de além-mar devem também contar, sempre que possível, com o contributo de fontes de diverso tipo inscritas nesse subgénero literário a que é hábito chamar “literatura de viagens”: cartas, relações, diários, itinerários, tratados, crónicas, etc. Porém, a aceleração e a diversificação das viagens que ocorre no período e no cenário geográfico cobertos por esta antologia recomendou que prestássemos uma particular atenção a todas aquelas fontes narrativas que exibissem ou que aliassem duas características fundamentais: por um lado, serem testemunho da urgência noticiosa e das estratégias políticas próprias dos grupos nacionais que então as divulgavam; por outro, conservarem a espontaneidade do relato ou a humanidade dos protagonistas. Daí que tivéssemos privilegiado as relações autónomas e as grandes colecções de relatos de viagem, onde nem a erudição pesa demasiado, nem as preocupações com o arranjo da memória impõem uma excessiva artificialidade à escrita. Um público leitor cada dia mais numeroso e diversificado acedia a essas narrativas mais ligeiras, encontrando nelas uma série de ensinamentos essencialmente práticos: actualidade política e diplomática, perspectivas comerciais, projectos missionários em curso, orientações náuticas ou curiosidades geográficas.

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

No plano literário, o período dos grandes descobrimentos europeus fora encerrado, de forma simbólica, com a publicação da colectânea *Novus Orbis Regionum ac Insularum ueteribus incognitarum* de Johann Hüttich, que Simon Grynaeus prefaciou (Basileia, 1532). Posterior a duas colecções fundamentais como os *Paesi nuovamente ritrovati* de Fracanzio da Montalboddo (Vicenza, 1507) e a *Description Nouvelle des Merveilles de ce Monde* de Jean Parmentier (Paris, 1531), o *Novus Orbis* encontrou continuadores directos – para além das várias traduções e reedições ampliadas surgidas ao longo das décadas seguintes – nas cinco recolhas manuscritas que o humanista veneziano Alessandro Zorzi organizou antes de 1538 e no título *Viaggi fatti da Vinetia, alla Tana, in Persia, et in Constantinopoli*, devido a Antonio e a Paolo Manuzio (Veneza, 1543). Em 1550, Giovanni Battista Ramusio editava o primeiro volume da sua celeberrima trilogia de relatos de viagem, o *Delle Navigazioni et Viaggi* (Veneza, 1550-1559). Ramusio concebeu-o com o propósito de divulgar os progressos das navegações e o essencial da história, da geografia e da corografia dos lugares visitados pelos novos descobridores junto de um público vasto e curioso – não apenas os humanistas ou as elites cortesãs que liam o latim dos opúsculos. Corrigir os erros da *Geografia* de Ptolomeu constituía o alibi confesso do compilador. Mas também ninguém ignora que, desde o início do século, toda uma Veneza estivera suspensa nas navegações e nas conquistas que outros europeus realizavam em África, na América e, sobretudo, na Ásia. Ramusio logrou ser um oportuno intérprete dessas inquietações.

A pressão da actualidade volta a detectar-se de forma especial no momento em que o historiador, publicista e geógrafo Richard Hakluyt ordena, classifica e selecciona os materiais que resultaram em *The Principall Navigations, Voiages and Discoveries of the English Nation* de 1589. A armada de Espanha acabara de ser vencida no canal de Inglaterra e a América do Norte já se desenhava para os ingleses como a nova terra prometida. Fora um interesse ainda algo vago pelas terras situadas do outro lado do Atlântico o que suscitara o aparecimento da primeira colecção inglesa de viagens, *The Decades of the Newe Worlde, or West Indies* de Richard Eden (Londres, 1555). E quando o poder nobiliárquico e mercantil da Inglaterra passara a definir como prioridades a busca da passagem para a

China pelo Noroeste e as tentativas que Martin Frobisher ia realizando nesse sentido, eis que surgira a sustentá-lo a *History of Travayle in the West and East Indies* de Richard Willes (Londres, 1577).

Outro mestre da “publicidade persuasiva” da estirpe de um Hakluyt foi o flamengo Jan Huygen van Linschoten. A génese das Companhias das Índias Orientais que ingleses e holandeses vieram a fundar é inseparável do apelo suscitado pelas relações de viagem, roteiros de navegação e mapas que ele fez incluir no seu *Itinerario, Voyage ofte Schipvaert naer Oost ofte Portugaels Indien* (Itinerário, viagem ou navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas, Amesterdão, 1596). Também não foi por acaso que o jesuíta francês Alexandre de Rhodes publicou um livro intitulado *Divers voyages et missions en la Chine, et autres Royaumes de l'Orient* (Paris, 1653) na precisa altura em que batalhava pela constituição de uma entidade destinada a recrutar missionários franceses para a Ásia Oriental e pela nomeação de vigários apostólicos para o Tonquim, a Cochinchina e Nanquim, projectos estes que acabaram por ser decisivos para a afirmação das ambições diplomáticas e políticas da França no Oriente. À sua escala, o *Tractado da Terra do Brasil* de Pêro de Magalhães de Gândavo (manuscrito de c. 1569, que tem na sua génese uma quase reportagem jornalística) foi pensado com o mesmo tipo de propósitos mobilizadores, trazendo linhas involuntariamente explícitas sobre isso: “denunciar em breves palavras a fertilidade e abundância da terra do Brasil, para que esta fama venha à notícia de muitas pessoas que nestes Reinos vivem com pobreza, e não duvidem escolhê-la para seu remédio”.

Avançando no tempo, conhece-se a estreita relação que existe entre a edição de *A description of Patagonia and the adjoining parts of South America* de Thomas Falkner (Hereford, 1774) – a obra em que este médico, navegador e jesuíta chamou a atenção dos ingleses para o abandono das terras patagónicas – e a decisão tomada por Carlos III de Espanha no sentido de criar uma entidade política forte no extremo meridional do continente americano, materializada no vice-reinado do rio da Prata (1776). Enfim, sabemos que Alexander Mackenzie concluiu o relato da travessia da América do Norte que realizou ao serviço dos britânicos entre Outubro de 1792 e Julho de 1793 com um apelo para que a Inglaterra assumisse o controlo do rio Columbia e do Noroeste do Pacífico e criasse

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

um império comercial prolongado através do Canadá. Identificado numa primeira redacção como *Journal from Montreal to the Frozen and Pacific Oceans*, o texto em causa acabou por ser impresso como *Voyages on the River St. Lawrence and through the Continent of North America to the Frozen and Pacific Oceans in the years 1789 and 1793* (Londres, 1801). Sabemos que o presidente Thomas Jefferson leu este relato antes de encarregar o capitão Meriwether Lewis e o tenente William Clark de procurarem, pela via dos rios Columbia e Missouri, a rota que oferecesse “*the most direct & practicable water communication across this continent, for the purposes of commerce*”. E sabemos que Lewis levou consigo uma cópia do livro de Mackenzie para essa viagem épica de 1804-1806, a qual marcou o início da expansão dos Estados Unidos da América para Oeste. Os tempos mudavam. Em compensação, permanecia intacto o valor instrumental do texto de viagem.

GEOGRAFIA, O SOL DA HISTÓRIA

Já observámos que o apelo exercido pela actualidade foi determinante para o aparecimento de uma colecção de relatos de viagem e de informações de carácter geográfico e náutico como aquela promovida por Theodor de Bry e seus filhos. É certo que o luxo das numerosas gravuras e mapas que se incluíram nas *Grands et petits voyages* acabou por limitar a respectiva circulação a um público mais vasto. De qualquer modo, a dimensão utilitária que estava presente nessa empresa editorial depressa encontrou um registo mais acessível em obras complementares.

Tal foi o caso do referido *Itinerario* de Linschoten, do título *Sammlung von 26 Schifffahrten nach Ost und West-Indien* – correspondente à colectânea de 26 viagens inglesas e holandesas que Levinus Hulsius editou em Frankfurt em 1598 – ou da recolha *Oost-Indische ende West-Indische voyagien* de Marten Heubeldinck, impressa por Michiel Colijn (Viagens às Índias Orientais e Ocidentais, Amesterdão, 1619). Mais tarde, a fórmula achada por Isaac Commelin para a sua *Begin ende Voortgang* foi reproduzida em duas colectâneas rivais publicadas em Amesterdão, a *Oost-Indisch Voyagien de Joost Hartgers* (Viagens às Índias Orientais, 1648) e a *Versheyde Oost-Indische Voyagien* de Gillis Joosten Saeghman (Diversas Viagens às Índias Orientais, c. 1663-1670). Colhendo directamente nos

exemplos de Ramusio, de Hakluyt ou de Commelin, os editores holandeses do século XVII acabaram por fazer deste tipo de colecções uma verdadeira especialidade nacional. Enquanto as preocupações com um tratamento mais erudito das matérias iam sendo remetidas para outros textos, esta afirmava-se como a tipologia literária ideal para exercer a propaganda do comércio marítimo e da colonização das terras de além-mar.

O incentivo à empresa ultramarina cristalizado nas grandes colecções de relatos de viagem vivia, em boa medida, da dimensão histórica das próprias descrições, quer dizer, do efeito proporcionado pelo encadeamento das diferentes narrativas seleccionadas, da lembrança dos itinerários percorridos ou das peripécias das navegações. Contudo, tal como toda essa sequência de vivências era inseparável de uma cronologia mais ou menos coerente, também o era de todo um conjunto de apontamentos de estrito cunho geográfico: a situação e as características das terras, a flora, a fauna, o uso do solo, o aspecto físico e modo de vida dos habitantes, ou os seus sistemas administrativos, políticos e judiciais, por exemplo. No prefácio ao primeiro volume da edição alargada de *The Principal Navigations* (Londres, 1598), Richard Hakluyt resumiu os contributos da geografia e da cronologia como sendo “*the sun and the moon, the right eye and the left, of all history*”. É certo que a frase do editor inglês acaba por não fazer justiça a um saber geográfico que, entretanto, ganhara um estatuto bem mais interessante que o de mera “arte” acessória. Ainda assim, percebe o essencial: que o seu programa político-literário só sobreviveria se assentasse numa sólida base descritiva à Estrabão.

Deixando de lado as cores e sombras da tragédia humana que os relatos incluídos nestas colecções nos facultam – a aventura dos embarques, tripulações, naufrágios, batalhas e resgates –, verificamos que um dos seus aspectos mais importantes reside na autonomia que o discurso descritivo aí assume face à crónica dos eventos. É um facto que o destaque concedido a esse segmento do discurso talvez não tenha chegado nunca para contradizer a citada ideia de Hakluyt, segundo a qual lhe estava reservado o papel subalterno de introduzir a geografia das áreas visitadas no decorrer de cada uma das viagens escolhidas. Afinal, a subordinação das passagens que narram o curso dos acontecimentos à descrição dos países, das cidades ou

ENCONTROS E DESENCONTOS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II



Mapa do Sudeste Asiático, Willem Blaeu, 1635.

das gentes constitui uma tendência própria de textos com outro perfil, como as histórias e as crônicas. Seja como for, o simples facto de já se encontrar disponível uma colossal base de dados sobre as particularidades físicas e etnográficas de um vastíssimo número de regiões longínquas foi o suficiente para que o conjunto formado por tais dados ganhasse uma visibilidade invulgar nas colectâneas de relatos de viajantes.

Quem estava encarregue de promover novas rotas de navegação e novos espaços coloniais através da imprensa, depressa se apercebeu da utilidade desse somatório de curiosidades, assim como das reflexões críticas entretanto produzidas pelo confronto sistemático entre o saber propalado pelos escritos antigos e as novas experiências ultramarinas. Mesmo

que tal exercício não estivesse isento dos seus riscos (facto mais do que demonstrado sempre que a cega fidelidade à herança livresca desbaratava as evidências empíricas transmitidas pelos marinheiros ou pelos mercadores), aí residia um dos principais trunfos da moderna geografia. Encontramos um caso exemplar disto mesmo nas várias interpolações (*inwerp*) que foram feitas no diário da segunda viagem de Jacob van Neck às Índias Orientais. Já vimos que o relato em causa foi editado pela primeira vez em 1606, em alemão, no volume VIII das *Petits Voyages* dos De Bry. Conferindo a versão oferecida na colectânea de Isaac Commelin – onde, como também vimos, este diário foi reeditado –, contabilizámos cinco dessas descrições particulares retiradas de outras obras.

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

A primeira adição ao relato original surge na sequência do reconhecimento da ilha de Ternate pelos viajantes. Corresponde a uma descrição da situação geográfica, dos recursos materiais e dos costumes dos habitantes das ilhas de Celebes e de Halmahera. Este texto autónomo começa com uma brevíssima nota sobre a cartografia da zona concebida por Ptolomeu e Mercator e acaba com uma referência à descrição da ilha de Amboíno que, por sua vez, fora apensa à relação da primeira viagem de Jacob van Neck e de Wybrant van Warwijck às Índias Orientais fixada na mesma colectânea (oportunidade em que as indicações de Ptolomeu e dos cosmógrafos antigos também tinham sido cruzadas com os dados das modernas navegações portuguesas e holandesas).

A segunda adição diz respeito a Patane. Aí, anotam-se dados que vão da fertilidade do solo à participação no comércio externo chinês, da tutela política siamesa à geografia urbana da capital, das línguas e da índole da gente ao clima. O editor é claro quando reconhece que parte destes elementos provém da relação de Gotthardt Artus, a qual voltará a utilizar para compor o terceiro aditamento, dedicado ao Sião. Para este caso também confessa haver recorrido aos escritos de Victor Sprinckel, Fernão Mendes Pinto e Linschoten. Recursos mineiros, florestas, rendimentos e títulos da realeza, muralhas urbanas, ensino, religião, governo, reinos confinantes e hábitos alimentares são alguns dos muitos tópicos enunciados. A quarta adição trata em exclusivo de Malaca: a extensão do sítio, a crónica da sua fundação, o clima e as comunidades humanas, algumas das características físicas e culturais dos malaios, a conquista portuguesa e a importância estratégica do respectivo porto. A digressão termina tal como começara, quer dizer abruptamente. A sequência do diário é retomada no preciso ponto em que tinha sido interrompida, largos parágrafos atrás: “Na manhã de 23 de Agosto de 1602, os navios levantaram a âncora e partiram de Patane com vento favorável, seguindo a sua rota ao longo da costa, que corre su-sueste e nor-noroeste”...

Do ponto de vista formal, a quinta e última interpolação que o editor da *Begin ende Voortgang* decidiu fazer no texto do itinerário da segunda viagem realizada por Jacob van Neck ao Oriente é das mais significativas do conjunto. Diz respeito às “cinco maneiras diferentes de atingir o Cataio pela via marítima, sendo duas conhecidas e as três restantes

simples conjecturas”. Trata-se de uma tradução do “Hydrographical Discourse of the Five Ways to Cathay”, inserido originalmente no título *A Regiment for the Sea; Conteyning most profitable Rules, Mathematical experiences, and perfect knowledge of Navigation, for all Coastes and Countreys, most needful and necessary for all seafaryng Men and Travellers, as Pilots, Marines, Merchants, etc., exactly derived and made by William Bourne* (Londres, 1573). Refira-se que a obra de Bourne representara uma versão ampliada do *Breve compendio de la Sphera y de la Arte de navegar* de Martín Cortés (Sevilha, 1551), manual sobre cosmografia e problemas práticos de cabotagem e navegação que ajudara a elevar a literatura náutica espanhola de referência do nível de “receituário” prático (ou de manual escolar) ao de verdadeiro tratado sistemático da arte de navegar. Esta obra fora entretanto traduzida por Richard Eden como *The Art of Navigation* (Londres, 1561) e também já inspirara o tratado *Instruction nouvelle des poincts plus excellents necessaires, touchant l'art de naviguer* do holandês Michel Coignet (Antuérpia, 1581). Refira-se ainda que a edição do *Regiment for the Sea* acontecera nesse momento da segunda metade da década de 1570 em que, como observámos, a Inglaterra se empenhara de forma particular em relançar a busca de uma rota mais directa para a China – pouco depois, Humphrey Gilbert publicou o seu *Discours of a discoverie for a new passage to Cataia* (1576) e Martin Frobisher andou em busca do mundo mandarim nas partes da baía de Baffin (1576-1578).

Desde logo, nesse quinto aditamento proporcionado por Isaac Commelin em 1645 salta à vista a longevidade de uma toponímia de claro sabor arcaico: o Cataio de Marco Polo e de outros viajantes medievais, em vez da China dos modernos navegadores europeus. Uma vez mais, isto sugere-nos a prolongada capacidade de sugestão exercida pelas teses dos autores antigos, acontecesse isso por inércia, acontecesse porque se entendia que era indispensável copiar o seu modelo para credibilizar os novos conhecimentos sobre a terra. Mas para o que mais nos importa aqui, a aposta do editor do relato sobre a navegação de Van Neck é sobretudo reveladora daquela dimensão de ciência matemática e astronómica que a geografia combinava com a vertente de ciência descritiva que vimos referindo. Se esta última era particularmente apta para inventariar as características físicas e humanas que

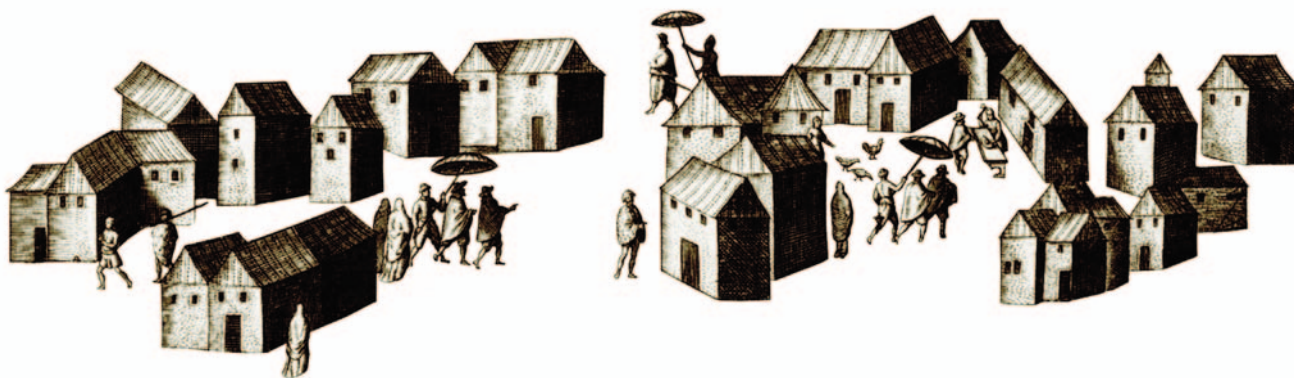
ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

moldavam a especificidade de cada território, já a prática da geografia como ciência matemática mista era o que, no limite, permitia realizar a medida e a representação cartográfica do globo.

Recolhida para um projecto editorial que aliava uma clara intenção apologética-reivindicativa a uma forte dimensão utilitária, a narrativa da segunda viagem do almirante Jacob van Neck às Índias Orientais prestava-se, como poucas, para que se lhe justapusesse uma referência aos progressos da arte de navegar até à China. Por um lado, fazia-se a propaganda dos feitos marítimos dos Países Baixos e satisfazia-se a curiosidade do público em relação aos conhecimentos geográficos já disponíveis sobre as principais áreas visitadas ou ambicionadas pela sua nação. Ao mesmo tempo, facultavam-se instruções práticas que se julgava ajudassem a promover as novas viagens para os destinos ultramarinos mais cobiçados pelo país. A China podia ainda aparecer estranhamente confundida com o Cataio, assim como o texto de Bourne não incluía, com certeza, os roteiros de navegação mais aconselháveis ou as instruções suficientes para aí chegar. No entanto, quando a história se acelera, não há demasiado tempo para meditar no que está

certo e no que está errado. Em tais ocasiões, publicar depressa tudo o que se encontre disponível só pode ser visto como uma virtude.

Mas afinal, que cinco rotas para a China eram essas? Como se esperaria, as duas conhecidas correspondiam ao “caminho dos portugueses por Calecute e ilhas Molucas” e ao “caminho pelo estreito de Magalhães e o Mar do Sul”, isto é a rota do Cabo e a rota transpácífica. As rotas desconhecidas diziam respeito a três afamados desafios que custaram a vida a demasiadas expedições: os caminhos da Inglaterra ao Cataio pelo Noroeste e pelo Nordeste, mais a aposta (sugerida pelo mercador Robert Throne em 1527) numa travessia directa através do Pólo Norte! O autor do texto intercalado é honesto quando reconhece não haver testado pela bússola todas estas rotas, climas e paragens, nem estar seguro dos cálculos das longitudes e latitudes que faculta ou da correcção dos nomes dos lugares que assinala nos respectivos roteiros. Como acrescenta, isso era o que menos importava: “Se por acaso me equivoquei, que pelo menos as minhas pistas possam servir para excitar os navegadores e obrigá-los a procurar as formas de corrigir o que aí estiver errado, e conduzir este projecto a uma maior perfeição, da qual o público possa retirar utilidade”. **RC**



BIBLIOGRAFIA

- Asher, A., *Bibliographical Essay on the Collection of Voyages and Travels, Edited and Published by Levinus Hulsius and his Successors at Nuremberg and Francfort from Anno 1598 to 1600*. Amesterdão: Meridian Publishing, 1962.
- Balmaceda, Raul C. Rey, *Integración Territorial de la Argentina*. Buenos Aires: SENOC – Asociación para la Promoción de Sistemas Educativos No Convencionales, 1985.
- Beer, E. S. de, “The Literature of Travel in the Seventeenth Century”, in *Annual Report and Statement of Accounts for 1975*. Londres: The Hakluyt Society, 1975, pp. 1-6.

- Boxer, Charles R., *O Grande Navio de Amacau*, tradução de Manuel Leal Vilarinho. Macau: Fundação Oriente/Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1989.
- Boxer, Charles R., *Fidalgos no Extremo Oriente, 1550-1770. Factos e Lendas de Macau Antigo*, tradução Teresa e Manuel Bairrão Oleiro. Macau: Fundação Oriente/Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990.
- Boxer, Charles R., “Isaac Commelin’s Begin ende Voortgang”, in idem, *Opera Minora, vol. 2, Orientalismo*, ed. Diogo Ramada Curto. Lisboa: Fundação Oriente, 2002, pp. 127-147.

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

- Broc, Numa, *La géographie de la Renaissance, 1420-1620*. Paris: Ministère de l'Éducation Nationale, Editions du Comité des Travaux historiques et scientifiques, 1986.
- Bry, Theodor de, *América, 1590-1634*, ed. Gereon Sievernich; prólogo John H. Elliott; trad. Adán Kovacsics. Madrid: Siruela, 1995.
- Capel, Horacio, "Geografía y arte apodémica en el siglo de los viajes", *Geo Crítica – Cuadernos Críticos de Geografía Humana*. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, 56, marzo 1985.
- Capel, Horacio, "Historia de la Ciencia e Historia de las Disciplinas Científicas – Objetivos y bifurcaciones de un programa de investigación sobre historia de la geografía", *Geo Crítica – Cuadernos Críticos de Geografía Humana*. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, 84, diciembre 1989.
- Curto, Diogo Ramada, "A visão europeia do mundo em finais do século XV: continuidades, rupturas e resistências", in Joaquim Oliveira Caetano (coord.), *Gravura e Conhecimento do Mundo: O Livro Impresso Ilustrado nas Coleções da BN*. Lisboa: BNL, 1998, pp. 23-42.
- Curto, Diogo Ramada, "Cultura escrita e práticas de identidade", in Francisco Bethencourt & Kirti Chaudhuri (eds.), *História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 1, 1998, pp. 458-531.
- Curto, Diogo Ramada, "Introdução – Orientalistas e cronistas", in Charles R. Boxer, *Opera Minora, vol. 2, Orientalismo*, ed. Diogo Ramada Curto. Lisboa: Fundação Oriente, 2002, pp. XIII-LX.
- Curvelo, Alexandra, "Gravura e conhecimento: sobre a difusão na gravura da representação dos povos, culturas e meios naturais desconhecidos dos Europeus (séculos XVI-XVIII)", in Joaquim Oliveira Caetano (coord.), *Gravura e Conhecimento do Mundo: O Livro Impresso Ilustrado nas Coleções da BN*. Lisboa: BNL, 1998, pp. 53-65.
- Dainville, François de, *La Géographie des Humanistes – Les jésuites et l'éducation de la société française*. Paris: Beauchesne et ses Fils, 1940.
- Davison, Julian & Lay Kee, Tan, *Mapping the Continent of Asia*. Singapura: Antiques of the Orient, 1994.
- Gândavo, Pêro de Magalhães de, *Tratado da Terra do Brasil. História da Província de Santa Cruz*, ed. Capistrano de Abreu. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980.
- Gil, Juan, *Mitos y utopías del Descubrimiento, vol. 2, El Pacífico*. Madrid: Alianza Editorial, 1989.
- Guirado, Maria Cecília, "A divulgação das primeiras imagens exóticas do Brasil através dos escritos de Pero de Magalhães de Gândavo", in *Anais de História de Além-Mar*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 4, 2003, pp. 133-140.
- Lewis, Meriwether, *The journals of Lewis and Clark*, ed. by Bernard DeVoto; foreword by Stephen E. Ambrose; maps by Erwin Raisz. Boston/Nova York: Mariner Books, 1997.
- López Piñero, José María, *El arte de navegar en la España del Renacimiento*. Barcelona: Editorial Labor, 1986.
- Mesquitela, Gonçalo, *História de Macau*, vol. 1, t. 2. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1997.
- Monteiro, Armando da Silva Saturnino, *Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa, vol. 4, 1580-1603*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1993.
- Morineau, Michel, *As Grandes Companhias das Índias Orientais (séculos XVI-XIX)*, trad. Duarte da Costa Cabral. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2004.
- Oliveira, Francisco Roque de, *A construção do conhecimento europeu sobre a China, c. 1500-c. 1630. Impressos e manuscritos que revelaram o mundo chinês à Europa culta*. Tese de doutoramento apresentada à Universitat Autònoma de Barcelona (Março 2003) < <http://www.tdx.cesca.es/TDX-1222103-160816/> >
- Oliveira, Francisco Roque de, "Alexandre de Rhodes", in *Dicionário da História de Macau*. Macau: Centro de Investigação de Estudos Luso-Asiáticos – Universidade de Macau. (no prelo)
- Oliveira, Francisco Roque de, "Cartografia de Macau dos séculos XVI e XVII", in *Dicionário da História de Macau*. Macau: Centro de Investigação de Estudos Luso-Asiáticos – Universidade de Macau. (no prelo)
- Parry, J. H., *La Époque de los Descubrimientos Geográficos: 1450-1620*, trad. F. Morales Padrón. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1964.
- Picchio, Luciana Stegagno, *Mar Aberto. Viagens dos Portugueses*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- Reneville, René-Auguste Constantin de, *Recueil des Voyages qui ont servi à l'établissement & aux progrès de la Compagnie des Indes Orientales, Formée dans les Provinces-Unies des Pays-Bas. Second Edition revue, & augmentée de plusieurs pièces curieuses*. Amsterdão: Frederic Bernard, vols. 2 e 3, 1725.
- Taylor, E. G. R., *Tudor Geography, 1485-1583*. Londres: Methuen & Co., 1930.
- Taylor, E. G. R., *Late Tudor and Early Stuart Geography, 1583-1650*. Londres: Methuen & Co., 1934.
- The Economist*, "Lewis and Clark expedition – Myth and history", Londres, volume 371, number 8375, May 15th 2004, pp. 45-46.
- Tiele, Pierre Antoine, *Mémoire Bibliographique sur les Journaux des Navigateurs Néerlandais. Réimprimés dans les Collections de De Bry et de Hulsius, et dans les Collections Hollandaises du XVIIe siècle, et dans les Anciennes Éditions Hollandaises des Journaux de Navigateurs Étrangers; la plupart en la possession de Frederik Muller a Amsterdam. Rédigé par P. A. Tiele. Avec tables des voyages, des éditions et des matières*. Amsterdão: Frederik Muller, 1867.
- Urteaga, Luis, "Descubrimientos, exploraciones e historia de la Geografía", *Geo Crítica – Cuadernos Críticos de Geografía Humana*. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, 71, septiembre 1987.
- Wauwermans, *Histoire de l'École Cartographique Belge et Anversoise*. Amsterdão: Meridian Publishing, vol. 2, 1964.
- Williamson, J. A., "Richard Hakluyt", in Edward Lynam (ed.), *Richard Hakluyt & His Successors – A volume issued to commemorate the centenary of the Hakluyt Society*. Londres: The Hakluyt Society, 1946, pp. 9-46.